

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte O Popular (Goiânia - Goiás) Class.: 349Data 18 de Junho de 1980 Pg.: \_\_\_\_\_

## Missionário vê como muito grave a crise da Funai

"A atual crise da Funai é das mais graves dos últimos anos. Se a sua direção segurar essa situação por mais tempo, é sinal de que ela está com forte apoio dos militares. E, conseqüentemente, os índios nunca estiveram em pior situação". A afirmação é do padre Antônio Iási Júnior, missionário, ao passar ontem por Goiânia, com destino a Brasília, aonde vai inteirar-se dos últimos acontecimentos e acompanhar a luta dos representantes de 12 nações indígenas.

Em sua entrevista à imprensa, o padre Antônio Iási Júnior falou ainda da campanha Pró-Ilha do Bananal, do convênio entre a Sudepe e a Funai para ensinar índio a pescar, da demarcação das terras dos tupiniquins e dos guaranis da incapacidade do coronel Nobre da Veiga de dirigir a Funai e dos problemas do povo nambiquara, que poderá ser dizimado com a construção da BR-364, estrada que liga Cuiabá a Porto Velho, cortando o território indígena em 490 quilômetros.

### CRISE

Segundo o padre Iási Júnior, a situação na Funai deve estar bem grave. Prova disso é o silêncio dos irmãos Vilas-Boas. "A situação é calamitosa. Ela não pode continuar, sob pena de ocorrerem sérias conseqüências, como os próprios índios admitiram, que se for preciso correrá sangue. Eles estão abusando da consciência do índio. Os homens da Funai deviam ter um pouco de brio e arrumado suas malas para viver de suas aposentadorias" — acentuou. Para o missionário indigenista, outra prova da crise é a exoneração de vários sertanistas e outros que pediram exoneração, por não concordarem com a atual direção da Funai.

Denunciou ainda que no episódio da invasão da Funai pelos índios, na última segunda-feira, ficou demonstrada a completa ignorância, por parte dos coronéis, da psicologia do índio, sobretudo o xavante. "O coronel Ivan Zanoni, diretor do Departamento de Planejamento Comunitário, é autor do livro "Por que os Militares?", onde quer justificar a atuação dos militares nesse negro período revolucionário por que ainda estamos passando. As medidas que estão sendo tomadas na Funai refletem as idéias do autor dessa obra" — completou padre Iási Júnior.

### ILHA DO BANANAL

Enfocando alguns problemas indígenas no País, padre Iási Júnior ressaltou a necessidade de se debater a situação da Ilha do Bananal, onde 1.500 índios carajás podem ser exterminados, a médio prazo, se não forem afastadas as ameaças que pairam sobre a Ilha. Lembrou que em 1977, durante a Comissão Parlamentar de Inquérito, mostrou que a Ilha era uma área cercada de males por todos os lados e por dentro também. "É a própria imagem atual da Funai" — enfatizou. Mostrou também que a Funai tem sido a maior exploradora do patrimônio indígena, beneficiando grandes empresas na implantação de projetos agropecuários.

O missionário ressaltou a necessidade de se pensar numa solução para 14 mil sertanejos que vivem na Ilha do Bananal, "invasores das terras indígenas por força dos latifundiários que os obrigaram a migrar de vários estados". Sobre o convênio entre a Sudepe e a Funai, para ensinar índio a pescar, padre Iási perguntou: "Ensinar a pescar o quê? O Carajá é exímio pescador. Não precisa de ninguém para ensiná-lo a pescar. Mas precisa de condições para comercializar o produto da pesca".

Sobre o povo nambiquara, padre Iási Júnior destacou que no começo do século ele formava uma nação de 10 mil índios, que hoje estão reduzidos a 628, que perambulam pelas 22 empresas agropecuárias instaladas em seu território. Esses 628 índios poderão ser dizimados se a BR-364 continuar sendo construída no atual traçado. Ela deveria seguir pela Chapada dos Parecis e agora vai cortar o vale do Guaporé. E caso se concretize esta alteração no traçado, ficará caracterizado um ato consciente de genocídio.

### TUPINIQUINS

"Para entender a atuação dos homens da Funai, a favor dos grandes e dos poderosos, é necessário também lembrar o problema da demarcação das terras dos tupiniquins; em Caetras Velhas, Pau Brasil e parte da Ilha dos Comboios." Segundo o missionário, que acompanhou o Grupo de Trabalho da Funai, que declarou esta área como de ocupação indígena, a Aracruz Celulose S/A criou um verdadeiro desastre ecológico na região, com auxílio do governo, a partir dos incentivos fiscais e do IBDF.

Ressaltou que "até pouco tempo, a preocupação das grandes empresas era ter um militar com testa de ferro no poder, para facilitar seus empreendimentos. Agora, conseguiram o máximo, colocaram vários coronéis na direção da Funai."